

**Anais do 6^o Interprogramas de Mestrado
da Faculdade Cásper Líbero
(São Paulo, SP, 5 e 6 de novembro de 2010)
ISSN: 2176-4476**

Texto original como enviado pelo/a autor/a

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DO RÁDIO NO BRASIL

Daniela Oliveira Albertin de Amorim¹

Eduardo Camargo²

Resumo

O rádio é uma mídia de grande alcance no Brasil. Sua história está intrínseca ao próprio país, não apenas por sua construção popular, mas também como grande meio difusor de cultura, entretenimento e informação. Ao longo dos mais de 88 anos da radiodifusão brasileira vários fatos significativos ocorreram para que, finalmente, o rádio se consolidasse como importante veículo de comunicação de massa. De modo diacrônico, este trabalho busca resgatar a memória do rádio, abordando desde sua implantação no país até meados de 2000 os principais fatos de sua trajetória.

Palavras-chave: Rádio. Radiodifusão brasileira. Grupos sociais. Cultura de massas. Identidade.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A HISTÓRIA DO RÁDIO

¹ Mestranda em Comunicação Social do Programa de Pós-Graduação da Universidade Paulista. E-mail: daniela.albertin@ig.com.br

² Mestrando em Comunicação Social do Programa de Pós-Graduação da Universidade Paulista. E-mail: camargo432@hotmail.com

O rádio é a mídia de maior alcance entre todos os meios de comunicação no Brasil (JUNG, 2000, p. 13). Sua popularidade e receptividade perpassam por vários estratos sociais, tornando-o um companheiro de todas as horas. Desde sua implantação no país o rádio consolidou-se como um importante veículo de comunicação de massa, construindo formas específicas de linguagem e de interação com o público, com particularidades nacionais, regionais e locais. Sua agilidade e simplicidade circulam por todos os ambientes travestidos de sabores e cores, atravessando lares, carros, comércios, enfim, o rádio permeia o cotidiano de todas as pessoas.

Pode-se dizer que até a chegada do rádio no Brasil a mídia impressa era a principal fonte de informação entre as pessoas até o século XIX. No entanto, a partir do uso do rádio o mundo das comunicações quebra barreiras ao proporcionar uma interatividade que acontece praticamente em tempo real com o ouvinte e não depende do quesito tempo para ser transmitida.

As primeiras radiodifusões ocorreram ainda de modo bastante experimental, mas para chegar até esse ponto um longo caminho foi percorrido. As descobertas da física ajudaram a entender o princípio da propagação das ondas eletromagnéticas. Os princípios da radiotelegrafia, que utilizavam código *Morse*³, possibilitaram a radiotelefonia, em que os sinais codificados em pontos e traços cediam lugar à voz humana. As transmissões experimentais em circuito fechado – sinal sonoro emitido de um transmissor para um receptor – culminaram para as futuras transmissões em circuito aberto – transmissor passível de ser captado por um número infinito de receptores de sintonia variável – que se ajustavam à frequência de qualquer emissora, dependendo apenas da potência ou localização do conjunto transmissor/antena irradiadora e da sensibilidade (FANUCCHI, 2002, p. 7)

Frente a essas descobertas muitos personagens contribuíram, em todos os cantos do mundo, para o aperfeiçoamento da transmissão e recepção dos sinais magnéticos, o que acarreta uma perda com relação à noção exata de quem chegou antes e o que veio depois.

³ Código *Morse* é um sistema de representação de letras, números e sinais de pontuação através e um sinal codificado enviado intermitentemente, que pode ser transmitido de várias em pulsos ou tons curtos ou longos. Foi desenvolvido por Samuel Morse no ano de 1835, também criador do Telégrafo.

Em se tratando da fundação da primeira rádio, o assunto também gera controvérsias. No Brasil existem algumas correntes sobre a primeira rádio: uma que aponta para a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada por Roquete-Pinto; outra para a Rádio Clube de Pernambuco, fundada por um grupo de estudantes; e uma terceira corrente que aponta os primeiros experimentos do Padre Landell de Moura no Rio Grande do Sul, iniciando, assim, as primeiras experiências transmitidas de ponto a ponto com som.

Qual tenha sido a primeira rádio o que vale, de fato, é a representatividade social do rádio na vida das pessoas. Por se tratar de um instrumento de baixo custo, acessível, pequeno porte e programações diversificadas, o rádio exerce grande incidência na vida diária das pessoas, estejam elas nos centros urbanos ou nas zonas rurais. Mesmo tendo que adaptar suas programações às exigências da modernidade, seu valor simbólico não se perdeu no tempo, tão pouco foi substituído por novas mídias, o que lhe confere importância frente ao cenário das comunicações brasileiras.

De modo diacrônico, este artigo pretende resgatar a memória do rádio, abordando os principais fatos de sua história no Brasil, desde sua implantação no país até meados de 2000, momento esse em que já integra a era digital. A Revista USP em sua edição n. 56 de junho de 2002, que reuniu textos de diversos autores sobre os 80 anos do rádio no Brasil, serviu como principal fonte de pesquisa. Os trabalhos de FERRANETTO (2000), GUERRINI JUNIOR (2009), JUNG (2005), LOPES (1970), MEDITSCH (1999), PARADA (2000) e SAMPAIO (1984) também contribuíram como fonte de informações.

2. O RÁDIO NO BRASIL: DÉCADAS DE 20-40

Roquete Pinto⁴ demonstrou grande interesse em relação aos meios de comunicação, em especial o rádio. Conhecido popularmente como o “pai do rádio”, já previa a irradiação

⁴ Roquete-Pinto foi médico, professor, antropólogo, etnólogo e ensaísta brasileiro. Foi um dos pioneiros da radiodifusão brasileira, do qual acreditava ser um meio de difusão da cultura e educação no país. Para as comunicações brasileiras foi importante colaborador na difusão do rádio, tendo convencido a Academia Brasileira de Ciências a comprar a tecnologia radiofônica vinda dos Estados Unidos e instalá-la no Rio de Janeiro, onde em 1922 fundou e dirigiu a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, uma das primeiras que se tem notícia no Brasil. Em 1936 Roquete-Pinto doa os direitos de uso desta Rádio para o Ministério da Educação e

desta mídia como grande meio difusor da cultura brasileira. Segundo ADAMI (2002, p. 91), Roquete Pinto sempre defendeu o papel do rádio como fomentador da cultura e, de fato, o que se observa nas primeiras rádios na década de 20 é o uso de suas funções direcionadas para divulgar eventos educativos e culturais. Naquela época as rádios não tinham comerciais ou propagandas e a intenção era divulgar e fomentar as atividades culturais das elites da sociedade brasileira. Eram conhecidas como “rádios clubes” ou “rádios sociedades”, com programações elitistas e raio de irradiação limitada, organizadas por pessoas de poder aquisitivo que, além de sustentarem as emissoras, forneciam suas coleções de discos, já que o Estado não tinha a intenção de monopolizar as transmissões radiofônicas ou de adotar o modelo público (GUERRINI JUNIOR, 2009, p. 21).

A década de 30 é conhecida como a “era comercial”, importando o modelo capitalista dos Estados Unidos. O ano de 1932, segundo FERRARETTO (2000, p. 98), consolida os novos moldes comerciais do rádio, haja vista que o Decreto n. 21.111 de 01/03/1932 autorizava a 10% das programações das rádios a ter comerciais. Como resultado percebeu-se a passagem do caráter elitista do rádio para o popular, na intenção de atingir o público de massa. De interesses educativos passou-se a interesses mercantis, passando a responder às necessidades coletivas de recreação e informação, sendo um fomentador de opiniões. Com isso, gradativamente, vão sendo incluídas publicidades, bem como as radionovelas, esportes, radiojornalismo e canções, mudando o rumo das programações das rádios no Brasil, que tecnicamente estavam mais desenvolvidas. É neste período que nasce, mais precisamente em 22 de julho de 1935, o programa *A Voz do Brasil*⁵, um noticiário radiofônico público que esta no ar até os dias atuais trazendo informações, principalmente, do governo e da política brasileira.

Cultura (MEC), que tinha a intenção de incorporar a Rádio ao Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão responsável pela censura do Governo Getúlio Vargas. Roquete Pinto, indignado, luta para que a rádio possa manter-se autônoma e preserve sua função educativa, por ele idealizada. Nessa disputa a então Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, agora nas mãos do MEC, passa a chamar-se Rádio MEC, mantendo seu ideário.

⁵ Trata-se de um programa radiofônico público que vai ao ar diariamente às 19h na maioria das emissoras de rádio brasileira. *A Voz do Brasil* faz parte da história da radiodifusão brasileira, além de ser o programa mais antigo do rádio. Sua veiculação é obrigatória por determinação do Código Brasileiro de Telecomunicações, e foi criado por Armando Campos, amigo do então presidente Getulio Vargas, com a intenção de divulgar as idéias do governo. Inicialmente quando começou a ser transmitido, em 22 de julho de 1935, chamava-se

Ainda nos anos 30 as pessoas poderiam ir aos estúdios das rádios para assistir ao vivo à programação realizada. Era uma época de grandes emoções, onde as pessoas podiam ver pessoalmente os comunicadores em ação. Em 1936 os aparelhos de rádio já podiam ser comprados em lojas do ramo. Na mesma década, mais precisamente em 1938, surge a Rádio Globo do Rio de Janeiro, que mais tarde se tornaria a rádio AM mais popular do país, renovando o fôlego do rádio que havia sido abalado com o surgimento da televisão.

Neste momento o Estado Novo, instaurado no ano anterior, começava a esboçar uma estratégia de cativação populista, e a música brasileira dominante do período, como as marchinhas de carnaval, foram estimuladas no ufanismo do governo de Getúlio Vargas entre o final dos anos 30 e começo dos anos 40. No entanto, a música brasileira não se limitou às marchinhas, apostando em outros gêneros de sucesso, como as chamadas músicas regionais.

A década de 40 é conhecida como a “época de ouro do rádio”. A programação mais popular e a criação da contagem de índices de audiência, o chamado *Ibope*⁶, instaura um período de brilhantismo para o rádio. Artistas como Chico Anysio e Abelardo Barbosa (o Chacrinha) tiveram o início de suas carreiras no rádio. No radiojornalismo surge o Repórter Esso, patrocinado pela Companhia Norte Americana de Combustíveis, que lhe emprestou o nome. Era a principal fonte de informação sobre os fatos internacionais, sobretudo com notícias sobre Segunda Grande Guerra Mundial, a Guerra do Vietnam e Copa do Mundo. Na radionovela os artistas brilham em interpretações que marcaram época. A primeira radionovela que se tem notícia é “Em Busca da Felicidade”, que foi ao ar em 1941 pela PRE-8, Rádio Nacional do Rio de Janeiro. O rádio esportivo brilha com as emocionantes narrativas esportivas, conhecidas pelos famosos *espíquer* (DUARTE, 2002, p. 30), em origem a palavra inglesa *speaker*.

A era da modernização continuou com o surgimento dos gravadores de fita magnética, tornando o trabalho mais rápido, e os retificadores de selênio substituíam as

“Programa Nacional”; a partir de 1938 foi levado ao ar com o nome “A Hora de Brasil” e, em 1971, por determinação do presidente Médici, recebeu o nome que vigora até hoje.

⁶ O Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) realiza pesquisas em vários ramos no Brasil, medindo a audiência de seus programas em dados estatísticos. Foi criado em 1942 pelo radialista Auricélio Penteadó, proprietário da Rádio Kosmos de São Paulo.

válvulas retificadoras de material semicondutor. Esses novos equipamentos deram mais agilidade no modo de operação das rádios, que procuraram acompanhar as tendências mundiais.

3. O RÁDIO NO BRASIL: DÉCADAS DE 50-60

A década de 50 é marcada por transformações que mexem com as estruturas do rádio: a chegada da televisão, trazida para o Brasil por Assis Chateaubriand⁷, traz um esvaziamento momentâneo nas emissoras de rádio. Artistas, técnicos e outros profissionais migram para a TV, em busca de novas oportunidades profissionais. Na tentativa de compor o espaço que havia ficado vazio, as rádios incluem em suas programações músicas, programas de humor, entre outros. A chegada do transistor, em 1947, um poderoso aparelho que impulsionou o rádio, deixou a comunicação mais ágil, ao vivo da rua, e receptores sem tomadas. Já no final da década de 50 e começo da década de 60 surgem as primeiras experimentações de rádio FM no Brasil, fato esse que culmina para a segmentação do rádio, ou seja, as emissoras voltadas para determinado público.

Em 1962 é criada a Associação Brasileira de Rádio e Televisão, a ABERT, ano em que também é realizada a primeira transmissão via satélite. Já em 1967 é criado o Ministério das Comunicações, propondo uma regulamentação para os meios de comunicação. O duro momento passado pelo Brasil com a ditadura militar e seus Atos Inconstitucionais interferem nas programações: o rádio AM é incluído entre as instituições que fazem parte, segundo o governo, de um grande esquema de censura e manipulação ideológica, sendo considerada subversiva e passível de punições.

Em contrapartida, o Ato Inconstitucional número 5 do Governo Costa e Silva investiu no surgimento do rádio FM, que em regiões mais desenvolvidas seguia o formato

⁷ Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, jornalista e empresário, foi responsável pela chegada da televisão ao Brasil, inaugurando em 1950 a primeira emissora de TV do país, a TV Tupi. É uma figura importante para a história das comunicações brasileiras, principalmente entre os anos 1930 e 1960.

musical e, assim, não era uma ameaça iminente de ataques contra o governo. Em regiões mais afastadas, nesta época, o rádio FM era, praticamente, uma cópia das rádios AM, que nos horários de pico de audiência tocavam em suas programações músicas oriundas dos artistas da Jovem Guarda.

Este período, em que já se anunciava a segmentação do rádio, precedeu a operação das rádios de modo regional, proporcionado que as transmissões radiofônicas chegassem de modo mais direcionado ao público a quem se destina, onde as emissoras se especializam por determinadas faixas etárias e público-consumidor.

4. O RADIO NO BRASIL: DÉCADAS DE 70-80

O rádio FM foi o único meio de massa a abrir espaço para as canções de protesto, dando início ao chamado *underground* radio. Apesar da política de distensão assumida pelos governos militares, a programação do rádio e da televisão continuou submetida à censura federal durante a segunda metade da década de 70.

O rádio AM consolidava-se como rádio falado e o FM como rádio musical. A popularidade e a credibilidade do rádio continuavam intactas e a juventude ainda ouvia as emissoras AM. Porém, o rádio FM ganhava força na segunda metade dos anos 70, em sentido de competição. Havia o perfil “rádio rock” de caráter experimental, feito pelas rádios Eldorado FM e Excelsor FM e o perfil pop eclético, predominante festivo, lançado pela rádio Cidade do Rio de Janeiro em 1977. O perfil popularesco influenciado pelos programas de auditório (Chacrinha, Bolinha, Raul Gil e Silvio Santos), passava a ser formatado em FM e uma das primeiras emissoras foi a 98 FM, também do Rio de Janeiro. Por sua vez, a então rádio de rock Excelsior FM, conhecida como a máquina do som, passou por diversas mudanças entre o popular convencional e o adulto contemporâneo, tendo se chamado Globo FM e rádio X FM até resultar hoje na CBN 90.5 de São Paulo.

A década seguinte foi marcada por mudanças expressivas no contexto brasileiro, provocada tanto pelo avanço tecnológico como pela situação política mundial. No Brasil, a década de 80 começou em pleno período de “abertura política”, iniciado em 1979 com a posse do general João Batista Figueiredo, o último presidente do regime militar e o mesmo

que assinou a Lei da Anistia. A década de 80 é marcada, ainda, pelo retorno dos exilados políticos ao país e também pela reabertura política, em que a eleição empossa o primeiro presidente civil do país. Escolhido por vias indiretas no Congresso Nacional entre duas chapas submetidas a um Colégio Eleitoral por representantes dos dois maiores partidos (PMDB e a Frente Liberal, depois PFL), o então Presidente Tancredo Neves vem a falecer de modo repentino e misterioso, fazendo com que seu vice, José Sarney, tome posse. Em 1988, a alteração de uma nova Constituição para o país muda o perfil da política nacional.

Para o rádio brasileiro os anos 80 representaram uma etapa de sedimentação do modelo americano de música e promoções para os ouvintes, assumido pela grande maioria das FMs nacionais. Marcaram também o início, em 1985, do movimento de desobediência civil que incluía a colocação no ar, por estudantes secundaristas e universitários, de canais radiofônicos sem permissão oficial: as “rádios comunitárias”. O contato direto com os ouvintes gera grande empatia com os ouvintes, daí sua grande aceitabilidade junto ao público. O que se pode destacar também a respeito dessas transmissões ilegais é que elas funcionaram como sementes das rádios livres que surgiram na década seguinte ligadas principalmente a grupos organizados da sociedade civil ou a políticos.

5. O RÁDIO NO BRASIL: DÉCADA DE 90

Os anos 90 são marcados por fatos importantes para o rádio brasileiro. Em 1990 a Rádio Bandeirantes se torna a primeira emissora no Brasil a transmitir via satélite com 70 emissoras FM e 60 em AM, em mais de 80 regiões do país. Em 1991 é a vez do sistema Globo de rádio inaugurar a CBN – Central Brasileira de Notícias, emissora especializada em jornalismo, que a partir de 1996 inicia suas transmissões simultâneas em FM. Também é nesse período que muitas emissoras AM passam a ser comandadas por seitas religiosas, das mais diversas segmentações: desde a Igreja Católica até a Igreja Universal do Reino de Deus. As rádios FM ganham mais investimentos e superam, em número de ouvintes, as rádios AM.

Ainda que as rádios FM tenham sido a aposta dos anos 90 para alcançar índices econômicos mais favoráveis, muitas rádios FM operam com uma roupagem muito próxima

das rádios AM, como o uso de longas falas por parte dos locutores, inclusão nas programações de músicas de grande aceitação popular, entre outros. O chamado “jaba”, que popularmente é conhecido como uma espécie de propina ou suborno em troca de maior exposição na mídia de uma artista, uma música ou um produto, também é um modo operante muito transitável nas rádios neste período, fazendo nascer ídolos que, muitas vezes, são pré fabricados pela indústria fonográfica.

Já por volta dos anos 2000 a tecnologia digital entra no cenário das rádios, possibilitando um som mais potente e claro. Os chiados e truncamentos vão sendo cada vez menos percebidos, na medida em que as rádios passam a operar em frequências digitais. A transmissão digital utiliza sinais que operam através do método de modulação digital, um mecanismo que consiste basicamente em fazer com que um parâmetro da onda portadora mude de valor de acordo com a variação do sinal modulante, que é a informação que se deseja transmitir. Isso contribui para qualidade do som, bem como os ouvintes passam a ter mais opções, como letreiros digitais com informações adicionais de notícias, previsão do tempo, data, entre outros. A digitalização do rádio e a parceria com novas mídias – como a internet – oferecem também uso mais eficiente do espectro⁸, interatividade, menor consumo de energia, possibilidades de novos modelos de negócios e maior participação no mercado publicitário.

A internet, aliás, foi uma nova possibilidade do qual o rádio se apropriou para operar de modo mais claro e direto ao seu ouvinte e que deu bastante certo. Neste caso, as antenas e transmissores radiofônicos dão lugar ao suporte da internet, sem alterar a mensagem, já que as programações via internet seguem, basicamente, os mesmos modelos do rádio convencional, ainda que operem nos modelos *offline* – rádios institucionais, cujo objetivo é a divulgação de uma marca ou produto – *online* – rádios que disponibilizam as programações radiofônicas na internet – e *NetRadios* – emissoras criadas para operar exclusivamente na internet, não necessitando de autorização pública para seu funcionamento (TRIGO-DE-SOUZA, 2002, p. 94).

⁸ Espectro sonoro é a distribuição, no domínio das frequências, do conjunto de todas as ondas que formam um som.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A radiocomunicação brasileira, que aqui iniciou como telégrafo sem fio, por volta de 1912, com a invenção da modulação passou a ter as suas primeiras experiências de radiodifusão, marcando também nesta fase o início do espaço comercial. A partir da era comercial é possível notar um esvaziamento da proposta educativa do rádio, inicialmente projetada por Roquete Pinto, que precisou se adaptar aos novos padrões impostos pela modernidade, remodelando as programações de modo a atender os anseios mercadológicos e agradar o grande público.

Ainda que muitos acreditem que o rádio se apagou diante das novidades tecnológicas, como a televisão e a internet, ele tem buscado no uso de modernos equipamentos e técnicas a reestruturação em seu modo de operação, proporcionando maior qualidade do som que chega até as pessoas e garantindo seu merecido lugar no mundo das comunicações. Seu valor simbólico como companheiro de todas as horas não se perdeu no tempo, pelo contrário: por se tratar de um instrumento de baixo custo, pequeno porte e programações diversificadas, o receptor de rádio exerce grande incidência na vida diária das pessoas, podendo circular de modo ágil em todos os ambientes.

Fazendo uso de uma linguagem direta e simples o rádio se tornou uma mídia de comunicação de grande aceitação popular, cuja aceitabilidade entre as pessoas chega à casa dos 97% contra 87% da televisão (JUNG, 2000). Em seus mais de 88 anos no Brasil sua história continua a ser construída pelas ondas sonoras travestidas de sabores, aromas e cores que atravessam os ares e chegam não só aos lares, mas também aos carros, aos comércios, permeando o imaginário das pessoas. Acrescente-se a essa relevância social o fato de que as novas tecnologias digitais de gravação, transmissão e recepção de mensagens radiofônicas estão redesenhando o perfil do rádio.

Enfim, a história do rádio é enriquecedora para o país, pois contribui na composição tanto da cultura erudita como na cultura popular do Brasil, resgatando a identidade nacional e as peculiaridades do povo que somente o rádio – tão próximo às pessoas – poderia contar.

7. FONTES BIBLIOGRÁFICAS

ADAMI, Antonio. **Radioconto, radiorromance, radiopoesia: o rádio educativo.** Revista USP. N. 56. São Paulo: USP, CCS, 2002, p. 86-91.

DUARTE, Orlando. **Rádio esportivo: sempre transmitindo emoções.** Revista USP. N. 56. São Paulo: USP, CCS, 2002, p. 30-35.

FANUCCHI, Mario. **80 anos de rádio.** Revista USP. N. 56. São Paulo: USP, CCS, 2002, p. 6-9

FERRANETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica.** Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

GUERRINI JUNIOR, Irineu. **A elite no ar.** São Paulo: Terceira Imagem, 2009.

JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio.** 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2005.

LOPES, Saint-Clair. **Comunicação, radiodifusão hoje.** Rio de Janeiro. Temário, 1970.

MEDITSCH, Eduardo. **A rádio na era da informação.** Coimbra: Minerva, 1999.

PARADA, Marcelo. **Rádio: 24 horas de jornalismo.** São Paulo: Ed. Panda, 2000.

SAMPAIO, Mário Ferraz. **História do rádio e da televisão no Brasil e no Mundo.** Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

TRIGO-DE-SOUZA, Ligia Maria. **Radios.Internet.br: o rádio que caiu na internet.** Revista USP. N. 56. São Paulo: USP, CCS, 2002, p. 92-99.